

Discorrendo sobre a história oral: revisão de literatura

Mônica Valadares Martins¹
Aline Valéria de Souza²
Flávia Rodrigues Pereira²
Valéria de Oliveira Ambrósio³

1 Mestre em Enfermagem; Professora e Coordenadora do curso de Enfermagem da UNIVALE.

2 Mestre em Gestão Integrada do Território; Professora do curso de Enfermagem da UNIVALE.

3 Mestre em Gestão de Serviço de Saúde Universidade Vale do Rio Doce

Resumo

Estudo de revisão de literatura que aborda a evolução deste método de pesquisa no Brasil e sua utilização nos dias atuais. Buscou-se discorrer sobre a história oral como método de pesquisa, sinalizando a memória como categoria nas Ciências Humanas, caminhando pelas peculiaridades do método e delineando sobre a abordagem na entrevista, principal objeto de análise e sua condução pelo entrevistador. Aborda a memória, subjetividade e percepção na interpretação das fontes orais e comenta sobre os caminhos diferenciados da história oral. O desafio de desenvolver um trabalho, cuja fonte básica é a oralidade, além de mobilizar o conceito de personagem histórico, trabalha com o cotidiano e evidencia a trilha da história de uma pessoa ou um povo, cujos percursos de vida perpassam de geração em geração.

Palavras Chaves: História oral. Método de pesquisa. Entrevista.

Abstract

A literature review study that addresses the evolution of this method of research in Brazil and its use in the present day. It was searched to discuss oral history as a research method, signaling memory as a category in Human Sciences, going through the method's peculiarities and delineating about the approach in the interview, the main object of analysis and its conduction by the interviewer. It addresses memory, subjectivity and perception in the interpretation of oral sources and comments on the diverse paths of oral history. The challenge of developing a work, whose basic source is orality, besides mobilizing the concept of historical personage, works with everyday life and shows the trail of the history of a person or a people, whose life paths pass from generation to generation.

Key Words: Oral history. Research method. Interview.

Introdução

Apesar de sua introdução no Brasil ocorrer na década de 70, somente nos anos iniciais da década de 90 a história oral experimentou uma expansão mais significativa no mundo da pesquisa (FERREIRA; AMADO, 1998). Estudo de revisão bibliográfica discorre sobre a história oral como método legítimo de pesquisa iniciado na antropologia e na história que vem ocupando patamares de relevância na escolha dos pesquisadores para obtenção de fontes de linguagem falada. Buscou-se descrever sobre a história oral como método de pesquisa, sinalizando a memória como categoria nas Ciências Humanas, caminhando pelas peculiaridades do método e delineando sobre a abordagem na entrevista, principal objeto de análise, bem como sua condução pelo entrevistador. E finalizando, profere que, o torna que a história oral diferente é o fato de contar menos sobre eventos e mais sobre significados preservando a validade factual.

Metodologia

Estudo de revisão bibliográfica para integralização da disciplina de doutorado interdisciplinar (DIN-TER) Tópicos Especiais em Assuntos Interdisciplinares: memória, depoimento e pesquisa, cujos artigos utilizados no estudo elencaram o referencial teórico da disciplina e outros pertinentes ao tema. Para construção do arcabouço bibliográfico utilizou-se também de publicações da Bireme (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde), no período de 1996 a 2016 que discorreram sobre a história oral como método legítimo de pesquisa. Foram empregados os seguintes descritores, usados isolados ou de forma combinada, história oral, método de pesquisa, entrevista.

Referencial Teórico

O desenvolvimento da história oral iniciou-se com a antropologia, a partir do estudo do processo de transcrição de tradições orais das sociedades, quando os modos de comunicação transitavam pelas formas de comunicação oral. Hoje, o âmbito interdisciplinar de ação da história oral ultrapassou o campo específico da Antropologia e abrange as Ciências Sociais (FERREIRA, 1998).

Diferentes áreas e campos disciplinares opera-

cionalizam memória e identidade, categorias centrais nas teorias das ciências humanas, em reflexões de diferentes áreas e campos disciplinares, asseveram Venson e Pedro (2012). O consenso em torno da noção de que o lugar da memória é aquele da produção de subjetividades, da construção de identificações parece predominar. A entrevista representa ferramenta e fonte tanto da história quanto da antropologia, dois campos de saber que há muito dialogam. No contexto histórico e antropológico as autoras refletem sobre a inserção em discurso da categoria memória, seus usos, apropriações e jogos com as categorias identidade e subjetividade, interpelando como discursividades que se complementam e se apoiam, mas que são perspectivas de diferentes lugares de saber (VENSON; PEDRO, 2012).

Para problematizar a utilização da memória como categoria nos dois campos de saber, história e antropologia, Venson e Pedro (2012) utilizaram o arsenal teórico foucaultiano, que sugere a investigação dos discursos que deram visibilidade e que tornaram dizível certa prática. As teorias de Michel Foucault abordam a relação entre poder e conhecimento e como eles são usados como uma forma de controle social por meio de instituições sociais.

Apesar de sua introdução no Brasil ocorrer na década de 70, somente nos anos iniciais a década de 90 a história oral experimentou uma expansão mais significativa. Com o passar do tempo, a criação de canais importantes para o debate e a troca de experiências foi decorrente do estabelecimento e aprofundamento de contatos com pesquisadores estrangeiros e com programas de reconhecido mérito internacional, propiciados pelos encontros e seminários (FERREIRA; AMADO, 1998). A criação da Associação Brasileira de História Oral em 1994 e a publicação de seu Boletim estimularam a discussão entre pesquisadores e praticantes da história oral em todo o país, reiteram as autoras:

“A divulgação dos programas e grupos de trabalho existentes, a apresentação dos acervos de depoimentos orais já acumulados e das linhas de pesquisa em curso, bem como a listagem das publicações lançadas nos últimos dois anos representam uma contribuição da Associação que permite traçar um quadro bastante preciso da situação atual da história oral no cenário brasileiro” (FERREIRA; AMADO, 1998, p. 9).

Montysuma (2012), pesquisador na área de His-

tória, com ênfase em História Regional do Brasil, atuando principalmente em memória, história oral, história ambiental, gênero e meio ambiente, cultura e meio ambiente, desde sua graduação refere ouvir sobre a objetividade histórica e científica amparada na ideia de que, ao pesquisador, caberia a necessidade de assistir aos acontecimentos de maneira neutra, sem envolvimento ou emoções.

Entretanto, o autor não concebia o fato de o pesquisador permanecer inerte aos acontecimentos, como expectador somente assistindo de fora a história acontecer. Esta situação de expectador incomodava o autor que não apreciava como viável a discussão de uma temática sem paixão, sem cumplicidade até o momento em que foi surpreendido por palavras de uma professora durante a apresentação de um seminário: [...] “só vale a pena discutir História com paixão”. (MONTYSUMA, 2012).

História é uma palavra com origem no antigo termo grego “*historie*”, que significa “conhecimento através da investigação”. É uma ciência que investiga o passado da humanidade e o seu processo de evolução, tendo como referência um lugar, uma época, um povo ou um indivíduo específico. Para Meihy (2007), história é um nome genérico para designar as histórias vividas e concebidas, diferentes ou parecidas, criadas por pessoas em contato com o mundo.

Alberti (2005) considera que, sendo a história oral um método de pesquisa, pondera o fato de que não há um fim em si mesma. Afirma que, como meio de conhecimento seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um projeto de pesquisa. A expectativa de fornecimento de rico arsenal de dados deve-se ao fato da utilização de entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea.

Corroborando com esta afirmação, Freitas (2002) descreve a história oral como um método de pesquisa que, no registro das narrativas da experiência humana, utiliza a técnica de entrevista e outros procedimentos articulados entre si. A descrição da história oral como método de pesquisa dos mais preciosos ocorre pela possibilidade de reconstrução da história através de suas múltiplas versões e da captação lógica, sendo o resultado da ação obtido através dos significados expressos na linguagem do entrevistado, com possibilidade de desvendar o jogo complexo das ideologias através dos instrumentos oferecidos pela própria ideologia

(ALBERTI, 2004).

Segundo Meihy (1996), a história oral é um recurso moderno, um método utilizado como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida, com o compromisso de se manterem no contexto social. O objeto de estudo da história oral está focado em fenômenos e eventos que oferecem interpretações qualitativas dos processos histórico-sociais por meio da oralidade. O fazer história oral significa produzir conhecimentos históricos e científicos e não pode ser reduzido à produção de relatos ordenados da vida e de experiências das pessoas, assevera Lozano (2004).

A percepção do passado como algo contínuo ao presente, cujo processo histórico encontra-se inacabado, corresponde ao pressuposto da história oral, que proporciona sentido à vida social dos depoentes e leitores, a fim de permitir a compreensão do seguimento histórico e sua identificação como parte dele (MEIHY, 1996). Como contribuição, a história revela análise e uso da experiência, além de ensinar e preparar a sociedade para eventos similares no futuro, aponta o autor.

A legitimidade da história oral como fonte de pesquisa é reconhecida porque não induz a mais erros do que outras fontes documentais e históricas. O conteúdo de uma correspondência não está menos sujeito a distorções factuais do que uma entrevista gravada. O que torna o conteúdo diferente e legítimo é que, no conteúdo escrito a ideologia se cristaliza em um momento qualquer do passado e na história oral a versão representa a ideologia em movimento, com a particularidade de “reconstruir”, totalizar e reinterpretar o fato (ALBERTI, 2005).

Como método de pesquisa, a história oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis. Quando um entrevistado nos deixa entrever representações de sua geração, formação ou comunidade, elas devem ser tomadas como fatos, e não como “construções” sem relação com a realidade. Mas, para isso, como nos mostra Verena Alberti (2004), antes de tudo é preciso saber “ouvir contar”. A autora sinaliza que a indissociabilidade que interliga a história oral, enquanto pesquisa empírica de campo, à reflexão teórica e metodológica, aponta que o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração, de uma construção.

Procurando mostrar que as formas de concepção do passado são também formas de ação, pois o que documenta a fonte oral é a ação da memória, Alberti (2004) reitera que conhecer o passado não é apenas

selá-lo sob determinado significado, é também construir para ele uma interpretação. Conceber o passado é também negociar e disputar significados e desenhecar ações, reforça a autora.

Fazer história oral significa produzir conhecimentos históricos, científicos e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros”. Abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte, é aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos; um processo de comunicação onde o desenvolvimento da linguagem, a criação de parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humana, é antes de tudo um espaço de contato com influência interdisciplinar. Esta interdisciplinaridade tem ênfase nos fenômenos e eventos que permitem, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais, salienta Lozano (2006).

Uma peculiaridade da história oral e possibilidades decorrentes do uso deste método, é que melhor se apreende a história oral através de sua experimentação, praticando-a sistemática e criticamente. A preservação da disposição de retroceder, reflexivamente, sobre os caminhos percorridos possibilita maximizar o desempenho e a qualidade dos dados coletados, concordam os estudiosos do método. Montysuma (2012) refere que, para dar credibilidade ao seu trabalho, deixa explícito aos sujeitos da pesquisa o que orienta suas ações, expondo claramente suas intenções na comunicação acerca da relevância em receber os relatos, pesquisas e memórias que corroborarão no processo de construção de uma pesquisa. Percebe, neste momento, o envolvimento e adesão das pessoas ao processo, estabelecendo cumplicidade e vínculo ao pesquisador. Por tudo isso, o autor não considera inapropriado assumir a paixão na prática da história oral.

Sob sua ótica, o envolvimento do pesquisador na história contada permite decompor um quadro de verdades calcificadas por determinadas teorias imutáveis, contrário à sisudez do distanciamento científico encarregado de destituir os sujeitos da interação histórica. Segundo relata, o trabalho de história elaborado a partir de história oral envolve uma ideia de pertencimento com os sujeitos e com o tempo do historiador, mesmo quando o pesquisador não perceba suas ações. Reiterando este fato, o autor não se abate em considerar que determinados setores ignorem estas condições porque estariam imbuídos de um distanciamento científico, raciocinando fórmulas pelo uso de parâmetros universais de análise, cenário que também expressa um pertencimento (MONTYSUMA, 2012).

Na discussão acerca da diversidade cultural e inclusão social desenrolada no VII Encontro Nacional de História Oral em 2006, Montysuma cita a contribuição da professora Yara Aun Kouhry que acredita na importância de reflexão sobre essas questões, considerando o momento político e as responsabilidades sociais nos impostas enquanto profissionais e cidadãos (MONTYSUMA, 2012). Como historiadora, a professora defende a ideia de trazer a história para o campo da política, com espaço para discussão acerca de diferença, diversidade, multiplicidade, pluralidade, sem negar a condição e o conflito engendrados num combate de forças sociais que se opõem ou se complementam (KOUHRY, 2006).

Para Alberti (2004), a história, como toda atividade de pensamento, opera por discontinuidades: selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou. [...] “é impossível assistir ao que passou, seguindo a continuidade do vivido, dos eventos e das emoções”. [...] “impossível reproduzi-lo em todos os seus meandros e acontecimentos os mais banais, tal qual realmente aconteceu” (ALBERTI, 2004).

A autora afirma que este fascínio do vivido é, em grande parte, responsável pelo sucesso que a história oral tem alcançado nos últimos anos e pelo deslumbramento dos pesquisadores à sua metodologia. Na história oral se encontra a vivacidade do passado com a possibilidade de revivê-lo pela experiência do entrevistado, por isso, é também conhecida como história (ou memória) “viva”. Este método de pesquisa é sustentado por dois paradigmas em nossa cultura: o modo de pensar hermenêutico caracterizado pela ideia de que o todo fornece sentidos às partes e vice-versa e a ideia do indivíduo enquanto valor (ALBERTI, 2004).

Em seu trabalho, Montysuma (2006) reflete sobre a produção e os usos das fontes e dos instrumentos metodológicos que orientam as ações na condução do trabalho do historiador que lida com o que se convencionou chamar história oral. Buscou discutir a singularidade do trabalho de campo, envolvendo a relação entre o pesquisador e as pessoas ouvidas, como condição de uma ciência que lida essencialmente com o indivíduo, fazendo alusão como essencial no contexto da história oral, a discussão sobre a singularidade do trabalho de campo, envolvendo a relação entre o pesquisador e as pessoas que se dispõem a nos prestar um relato, como condição de uma ciência que lida essencialmente com o sujeito (MONTYSUMA, 2006).

A produção de pesquisas resultantes do contato com seres humanos resulta na possibilidade de produção de materiais fabulosos, que exigem tratamentos e

destinos apropriados, como uma condição para assegurar a seriedade e a continuidade do trabalho realizado em campo e por extensão (MONTYSUMA, 2006). Reitera o autor sobre a necessidade de reflexão acerca da adoção de posturas éticas pelo pesquisador, uma vez que se defronta com interpretações de relatos significados na memória, contidas nas falas das pessoas.

A história oral e as memórias nos oferecem um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias e não apenas um esquema de experiências comuns, refletindo sobre a dificuldade para organizar todas as possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indicando que, durante todo o tempo, distintos destinos se apresentam na mente das pessoas (PORTELLI, 1996).

A passagem da experiência daquilo que foi vivenciado, muitas vezes recebe o nome de narrativa, entendendo-se narrativa como a organização dos acontecimentos de acordo com determinado sentido que lhe é conferido. Evidentemente, a experiência sozinha, pura e simples não é capaz de ser comunicada, pois comunicar experiências pressupõe sua organização de acordo com um sentido, segundo Alberti (2004). Para a autora, o conceito de narrativa contempla um aspecto mais amplo e não apenas como relato de uma ação no tempo. Ainda que o conceito seja empregado para designar o desenvolvimento de que uma ação, termina diferente do que começou sendo conveniente considerá-lo também como trabalho da linguagem em produzir racionalidade. Essa noção abrange todo e qualquer ato de fala, engloba a comunicação (ALBERTI, 2004).

Para Alberti (2004), ao se deparar com uma entrevista de história oral, as possibilidades de análise são, são evidentemente, numerosas. Mostrar que escutar as oportunas narrativas pode ser um caminho bastante profícuo, pois elas serão importantes para conhecer o contexto envolvido na comunicação e na organização dos acontecimentos e experiências. É preciso atentar para sua força narrativa e sua capacidade de informar sobre os acontecimentos e experiências. Reitera a autora que, ao pesquisador que trabalha com entrevista de história oral cabe atentar para preciosidades de unidades narrativas, porque elas são capazes de comunicar experiências que vão além da trajetória particular de determinado entrevistado, dando conta de formas de elaborar o mundo peculiares a uma geração, a um segmento profissional, a um campo do conhecimento (ALBERTI, 2004).

Na condução da entrevista em história oral a vida atenção à apresentação dos pesquisadores aos en-

trevistados tem relevância singular, pois a inobservância deste fato, certamente, levará ao distanciamento entre estas partes, pela presença do ingrediente “desconhecido” entre elas (MONTYSUMA, 2006).

Sinaliza Montysuma (2006) que o modo como cada pessoa percebe o outro revela a subjetividade humana constituindo o ingrediente essencial, que finda por refletir nos resultados ou na qualidade do trabalho. Um cenário de confiança possibilitará ao entrevistado a chance de exercitar a memória, elaborar suas interpretações e leituras referentes ao assunto e manifestar-se livremente segundo suas concepções e conveniências.

Ao falar sobre a subjetividade, a pesquisadora Mercedes Vilanova (1994), reconhece a existência de uma relação de poder entre entrevistador e entrevistado, mas jamais a supressão da palavra, da voz do outro. Para o entendimento corrente de que o poder de julgar está circunscrito a quem detém os instrumentos de dominação, a pesquisa expressa esses instrumentos através da lapiseira ou do gravador. Na inversão de papéis, à medida em que o entrevistado relata também julga e elabora conceitos. O ato de julgar do interlocutor lhe confere posição de domínio quanto aos fatos que narra. Escolher o que relatar implica num juízo de valor circunscrito a quem detém o poder através da fala (MONTYSUMA, 2006).

Reforça Freitas (2005) que não convém aos pesquisadores, com o risco de prejudicar tanto esta quanto outras relações com entrevistados, a adulteração de uma imagem de si próprio e do programa que não corresponda à prática efetiva. A manipulação das informações poderá ser descoberta com a evolução da entrevista, podendo ocorrer momentos em que será difícil para o entrevistador sustentar uma imagem imposta, além de o entrevistado sentir-se ludibriado. O pesquisador, enquanto sujeito produtor de significados, deverá evidenciar o respeito que nutre pelo entrevistado, sendo preciso mostrar que não se pretende modificar ou criticar sua forma de ver o mundo, suas crenças e opiniões.

Montysuma (2006) cita Alistair Thomson, historiador australiano, membro do Conselho da Associação Internacional de História Oral (IOHA) de 1996 a 2000, que investiu na concepção de que a sinceridade constitui o material essencial que constrói a cumplicidade, sedimentando a relação de confiança entre entrevistador e entrevistado. A clareza da fala do papel do entrevistador na apresentação ao entrevistado deverá permanecer até o final do trabalho. Além da sinceridade, o entrevistador deverá demonstrar respeito

pelas opiniões recebidas. Estes conceitos incorporados aos nossos trabalhos colaboram significativamente com a história oral como um exemplo porque gera aproximação entre as partes (MONTYSUMA, 2006).

Nos registros, o autor reitera sobre a responsabilização do pesquisador que, no exercício da ética deverá devolver o resultado do trabalho de pesquisa àqueles que, por direito e justiça, participaram contribuindo com seus discursos. Mais que isso, que ele tenha a sensibilidade de extrair a essência do discurso, se comprometendo a não distorcer os ricos relatos para elaborar as mais espantosas teorias e interpretações que não satisfazem, deturpam, corrompem e distorcem a realidade do contexto estudado e, assim, impedem a retratação da verdadeira história (MONTYSUMA, 2012; KOUHRY, 2016).

Ao registrar os relatos da linguagem falada, assevera Meihy (2007) que as descrições utilizadas na história oral retratam um documento oral. A transcrição da entrevista de história oral deve considerar as particularidades das condições de sua produção por se tratar de um diálogo entre entrevistado e entrevistador, de uma construção e interpretação do passado, atualizada através da linguagem falada. Ao material transcrito das entrevistas convém elencar o tipo e a aplicação das marcações utilizadas, pois isso orientará não somente aqueles que se encarregarão do processamento, como os pesquisadores que consultarem o depoimento em sua forma final. Desta forma, todos serão informados sobre o significado de cada uma das convenções adotadas, bem como interrupções das gravações, ênfases, silêncio, risos, emoção, trechos lidos e enunciados, elevação da entonação da voz e outros (MEIHY, 2007).

Na história oral a preservação da fonte sonora da transcrição implica numa postura política, que compreende, valoriza e respeita o papel que o depoente desempenha através da palavra dita, assevera o autor. Esta atitude visa preservar na sua forma e no seu conteúdo a expressão da alteridade do indivíduo no coletivo, possibilitando [...] a percepção de significados que se encontram presentes no silêncio, nas repetições, nas reticências, nas entonações da fala (MONTYSUMA, 2006). Os recursos da fala, como altura da voz, mudança de assunto, prolongamento das palavras ou da acentuação servem como instrumentos para acentuar aspectos que os entrevistados julgam importante transmitir, pouco conhecidos ou não-valorizados, afirma Montysuma (2006).

Além do material de gravação, muitos pesquisa-

dores adotam como instrumento, o caderno de campo onde são anotados todos os dados que envolvem as circunstâncias da entrevista, como às expressões faciais e corporais apresentadas pelas pessoas quando se manifestam, complementa o autor. As informações e observações registradas no caderno de campo, contribuirão demasiadamente, pois facilitarão suas interpretações e oportunizarão leituras mais profícuas acerca dos conteúdos gravados, reafirmando a singularidade em história oral, visto que, a análise que dos materiais nunca é homogênea, exigindo reflexão apurada em cada situação para evitar interpretações precipitadas que comprometam o trabalho (MONTYSUMA, 2006).

A impossibilidade de a subjetividade passar do indivíduo ao social tornaria inutilizáveis as fontes orais e as memórias para fins científicos, na medida em que esta subjetividade constitui seu próprio argumento, expõe Portelli (1996), pois, por muito controlável ou conhecida que seja, ela existe e constitui uma característica indestrutível dos seres humanos.

Portanto, se formos capazes de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam, em alguma medida, compreender e utilizar a subjetividade, para Portelli (1996) esta se revelará mais do que uma interferência, será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega das memórias e das fontes orais. Dados de algum modo objetivos que podem ser analisados e estudados com técnicas e procedimentos, em alguma medida controláveis, são elaborados por disciplinas precisas como a linguística, a narrativa ou a teoria da literatura. Afirma o autor que todas estas disciplinas permitem o lançamento de uma ponte entre a subjetividade individual e aquela que vai mais além do indivíduo. “[...] é possível, através dos textos, trabalhar com a fusão do individual e do social, com expressões subjetivas e práxis objetivas articuladas de maneira diferente e que possuem mobilidade em toda narração ou entrevista” (PORTELLI, 1996, p. 4).

O significado do evento ou fato consiste em sua capacidade de gerar múltiplas visões, múltiplos relatos e múltiplas interpretações. Comparando as narrativas descritas no texto, discorre que “[...] o processo de transformação, o trabalho da consciência, manifestam-se na entrevista pelo fatigante trabalho da palavra. As interrupções, digressões, repetições, correções que caracterizam a narração [...] são procedimentos constitutivos da oralidade [...]” (PORTELLI, 1996, p. 6 - 7). Sinaliza Portelli (1996) sobre a individualidade da percepção do sujeito a respeito das possibilidades de organização de esquemas e que cada um se orienta à sua

maneira em relação a estas possibilidades.

Alguns caminhos tornam a história oral diferente, porém útil. Ao discorrer sobre a oralidade das fontes orais, afirma “as fontes orais são fontes orais”. A transcrição transforma objetos transcritos em visuais, fato que, inevitavelmente, transforma e implica em mudanças e interpretações. A desatenção à oralidade das fontes orais tem sustentação direta na teoria interpretativa, sob dois aspectos: o da origem e do conteúdo. As fontes da história oral são fontes narrativas, diz o autor, completando que a análise dos materiais da história oral deve ser avaliada a partir de algumas categorias gerais desenvolvidas dentro da teoria narrativa na literatura e também no folclore (PORTELLI, 1997).

Para Portelli (1997), o que torna a história oral diferente é o fato de contar menos sobre eventos e mais sobre significados, mesmo assim, terá validade factual. No entanto, as fontes orais têm sobre o historiador a subjetividade do expositor, o que é único e precioso e que nenhuma outra fonte possui em medida igual. Se uma aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, uma secção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir na mesma proporção.

Traços que não podem ser contidos dentro de um segmento são, sem exclusividade, porém de muita importância, o local das funções narrativas essenciais que revelam as emoções do narrador, sua participação na história e a forma pela qual a história o afetou. Torna-se insípido o conteúdo emocional do discurso inclinado a equanimidade e objetividade do documento escrito. Isto é mais verdadeiro quando informantes do povo estão envolvidos porque eles podem ser pobres em vocabulário, mas são sempre ricos em variações de matizes, volume e entonação quando comparados aos oradores da classe média, os quais aprendem a imitar no discurso a monotonia da escrita (PORTELLI, 1997).

Considerações

A história oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis. Mas, para isso, como nos mostra Verena Alberti (2004) em sua obra, antes de tudo é preciso saber “ouvir contar”.

O desafio de desenvolver um trabalho, cuja fonte básica é a oralidade, além mobilizar o conceito de personagem histórico, trabalha com o cotidiano e evidencia a trilha da história de uma pessoa ou um povo,

cujos percursos de vida perpassam de geração em geração subjetivamente.

A história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão do mundo. É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados.

A história permite o acompanhamento das transformações e evolução da sociedade. Na tradição oral as palavras transformam-se em ação, atividade comunicativa, relação de cumplicidade entre o entrevistador e o entrevistado. No ato do registro falado circulam, além da cumplicidade, palavras herdadas da cadeia das gerações representam testemunho vivo de um povo.

Referencias bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar – textos em História oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p 13-43 e 91-111.

ALBERTI, Verena. **Ouvir e Contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (org). “Apresentação” in **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, p 7 - 25.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral. Possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Ed. Humanistas da USP e Imprensa oficial de SP. 2003.

KOUHRY, Yara Aun. **Diversidade cultural, escrita social e a escrita da história**. In: **CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL**, 14, 2016, Rio branco, Acre. Texto digitado.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. **Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (org.). **(Re)Introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã/USP, 1996.

MONTYSUMA, Marcos. **Subjetividade e história oral: possíveis interações na autorização de cessão**

de uso de relatos. In: MONTENEGRO, A. T. et al; **História oral, desigualdades e diferenças.** Florianópolis e Recife: EDUFSC/EDUFPE, 2012. p 55-68.

MONTYSUMA, Marcos. **Um encontro com as fontes em História Oral.** In: **Estudos Ibero-Americanos.** PUCRS, v. 32, n 1. Porto Alegre: EDIPUCR. junho de 2006. p. 1-225.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos – narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais.** Tempo, vol 1, nº 2, ed. Relume Dumará. Rio de Janeiro, dezembro de 1996. p.59-72.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Projeto História, São Paulo (14), fevereiro: 1997.

VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. **Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia.** Revista História Oral, v. 15, n. 2, p. 125-139, jul.-dez. 2012.

VILANOVA, Mercedes. **Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais.** In: MORAES, Marieta (Org.). **História Oral.** Rio de Janeiro: Diadorim, 1994, p. 46.